

DA ANTROPOLOGIA CULTURAL AO MATERIALISMO HISTÓRICO: PRIMEIROS ESTUDOS DE CLÓVIS MOURA SOBRE O NEGRO

Teresa Maria Malatian¹
Doutora em História Social (USP)
Professora da FCHS (UNESP)
tmalatian@uol.com.br

Resumo: Pretende-se neste artigo abordar aspectos do percurso inicial do historiador e sociólogo Clóvis Moura (1925-2003) em seus estudos sobre o negro no Brasil. A partir de seus escritos inéditos e de sua correspondência foram levantados contatos feitos entre este escritor e obras de Antropologia cultural, em especial com Arthur Ramos. Em sua trajetória esses aportes acabaram por ser minimizados pela adoção do materialismo histórico como referencial analítico, não obstante terem permanecido em sua obra ao longo de décadas.

Palavras-chaves: Clóvis Moura; negros no Brasil; Antropologia cultural; materialismo histórico; determinismo.

DE L'ANTHROPOLOGIE CULTURELLE AU MATÉRIALISME HISTORIQUE: PREMIÈRES ÉTUDES DE CLÓVIS MOURA SUR LE NOIR

Resumé: Dans cet article on a l'intention d'analyser quelques aspects du parcours initiale de l'historien et sociologue Clóvis Moura (1925-2003) dans ses études sur le nègre au Brésil. À partir de ses écrits inédits e de sa correspondance on été identifiés des contacts entre cet écrivain et des auteurs de l'Anthropologie culturelle, surtout avec Arthur Ramos. Dans son parcours intellectuel ces apports ont fini par être minimisés, vue l'adoption du matérialisme historique en tant que référentiel analytique, même s'ils ont enduré dans son oeuvre tout au long de plusieurs décennies.

Mots-clé: Clóvis Moura ; noirs au Brésil ; Anthropologie culturelle; matérialisme historique ; déterminisme.

Texto recebido em: 28/06/2019
Texto aprovado em: 15/10/2019

¹ Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/4348039844286290>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3401-6372>.

Imerso no campo literário, sobretudo o da poesia e sem descurar da militância política, Clóvis Moura (1925-2003) começou a transitar durante os anos de juventude pelos estudos de cultura e história dos negros, influenciado pelos intelectuais da capital baiana onde residiu por breve tempo, mas conservou importante rede de sociabilidades. A grande referência nesses primeiros passos foram Nina Rodrigues e os autores ligados à Antropologia cultural, sobretudo Arthur Ramos e Edison Carneiro, que se tornariam presenças constantes em seus textos. Posteriormente Moura consagrou-se como “historiador dos quilombos” com a obra *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, publicada em 1959 em sua primeira edição², a que se seguiram outras quatro (MOURA, 1959).

Nas décadas de 1930 e 1940 a situação do negro no Brasil havia dado origem a movimentos sociais e estudos antropológicos e históricos bem como a produção literária relevante, em especial na Bahia. Uma de suas vertentes incidia sobre aspectos culturais da população de origem africana, com destaque para suas manifestações de religiosidade. O II Congresso Afro-Brasileiro de Salvador, por exemplo, realizado em 1937, deixou marcas expressivas na intelectualidade baiana. Em sua organização, atuaram com destaque o antropólogo Edison Carneiro (1912-1972) e o jornalista e poeta Aydano do Couto Ferraz (1910-1985), ambos vinculados ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Além disso, o I Congresso de História realizado em 1949 no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia com a finalidade de comemorar o quarto centenário da cidade de Salvador ampliava o interesse pela história do negro e da escravidão.

De fato, nesse período os estudos sobre o negro na Bahia retomaram a obra *Os africanos no Brasil* (1932) do médico baiano Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), que afirmava “serem irredutíveis e mesmo insuperáveis as diferenças entre culturas superiores e inferiores e rejeitava a possibilidade assimilacionista/civilizatória do negro em uma sociedade onde coexistiam diferentes estágios evolutivos, ou seja, desníveis culturais hierarquizados” (REIS, 1988, p. 89). Adepto de racismo científico, que pretendia validar a suposta superioridade racial branca, a partir desse referente Nina Rodrigues desenvolveu reflexões sobre questões culturais na sociedade de destino dos africanos e as revoltas de que participaram. No entanto, tal

² A obra recebeu cinco edições ao longo de 55 anos, em diversas editoras, a saber: a primeira em 1959 (São Paulo: Zumbi); a segunda em 1972 (Rio de Janeiro: Conquista); a terceira em 1981 (São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas), a quarta em 1988 (Porto Alegre: Mercado Aberto) e a quinta em 2014 (São Paulo: Porto Alegre: Fundação Maurício Grabois/ Anita Garibaldi).

proposição teórica não o impediu de defender a urgência do estudo de sua cultura, pois acreditava estar próximo o desaparecimento dos africanos na sociedade brasileira em decorrência do fim do tráfico e da miscigenação.

A partir de outras referências analíticas, seu discípulo e igualmente professor da Faculdade de Medicina da Bahia, Arthur Ramos (1903-1949) desenvolveu novas interpretações não deterministas baseadas no conceito de aculturação. Desde a publicação de sua obra *O negro brasileiro* (1934) dedicou-se ao chamado problema negro, interpretando-o no âmbito da defasagem cultural que estaria presente nas “classes atrasadas”. Nesse texto despontou também uma perspectiva de análise a partir do conflito social ao abordar as revoltas de escravos enquanto resultado da situação do cativo e em especial as revoltas dos malês na Bahia no século XIX, que eram objeto de debate centrado no papel desempenhado pela religião islâmica em sua eclosão. O conceito fundamental dos estudos de Ramos nesse período - a aculturação - foi utilizado para explicar os contatos culturais entre negros e “brancos” e seus resultados, também traduzidos pela sociologia em modificações da cultura por meio da justaposição, acomodação, assimilação e sincretismo, conforme as condições do contexto permitissem. Intenso dinamismo no contato entre culturas tão diversas, provocado pela vinda dos africanos escravizados foi assinalado por Ramos na obra *A aculturação negra no Brasil*², publicada em 1942, onde reuniu diversos ensaios e artigos nos quais aplicou a referida interpretação na análise de casos específicos de manifestações culturais, entre elas as de religiosidade.

Ocupou-se também com particular destaque da situação do negro no pós-abolição, no que denominou o “problema do negro”, o qual inseriu na narrativa modelar consagrada pela historiografia, que apresentava - e ainda atualmente apresenta - a clássica sequência da opção pela supostamente menos conflituosa escravidão africana para substituir a problemática escravização dos indígenas pelos colonizadores, sua captura e escravização na África, a vinda para o Brasil e a consequente situação de cativo. A saga não termina com a Abolição, nessa narrativa historiográfica, mas vai além da Lei Áurea e continua, em sua análise, com a denúncia do preconceito e da dificuldade de inserção dos libertos na sociedade regida pelo trabalho assalariado que privilegiou os imigrantes principalmente no sul do país, embora o seu desamparo econômico e social permanecesse também nas demais regiões. Não sendo esse seu tema principal de estudo, Ramos não aprofundou a questão e privilegiou, como o título de seu livro indica, a aculturação, cujo objeto foram as manifestações de cultura popular, entre elas as

línguas faladas pelos africanos e seus descendentes. Porém um tema relevante que abordou em contraponto à aculturação foi o das revoltas e resistências individuais ou coletivas dos escravizados, como as associações diversas creditadas ao “espírito associativo dos negros” e principalmente na forma de quilombos, atento que esteve em não apresentar sua história como processo de submissão e docilidade. Palmares e a epopeia de Zumbi estão presentes na narrativa sobre o século XVII e ainda que o antropólogo não houvesse feito pesquisa própria sobre o tema, arriscou-se a abordar o episódio controverso do suicídio do líder quilombola palmarino baseado na historiografia que dialogou com as versões de Rocha Pita, Oliveira Martins³ e Nina Rodrigues.

Ramos avaliou a formação desse quilombo como “a mais perfeita organização de defesa do período da escravidão” (1942) e ao fazer tal afirmação refutou a tese de Nina Rodrigues sobre a passividade e resignação do negro ao cativo, ao contrário do índio que teria sido mais rebelde e por isso preterido pelos colonizadores portugueses na implantação da economia agroexportadora. O negro reagiu, afirmou Ramos: “Foi bom trabalhador, porém mau escravo” (1942) ao rebelar-se de diversas maneiras. O personagem quilombola está presente com destaque na obra, que ao estudar os conflitos entre senhores e escravos abriu portas para a conciliação entre a Antropologia cultural e a análise da história sob o prisma da luta de classes. Clóvis Moura, embora leitor de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, não deixou esquecido o materialismo histórico desde suas primeiras reflexões sobre o tema, à época em que estabeleceu também contato com a obra de Edison Carneiro. O elo constituído por nessa sequência parece ter sido um dos que o ampararam em suas pesquisas, as quais paulatinamente passaram de uma postura híbrida do culturalismo com o materialismo histórico para uma predominância deste último aporte teórico. De fato, essa justaposição inicial e pouco estruturada organizou seu projeto de pesquisa pioneiro nos anos 1940, pois já na época desses primeiros passos transitava no campo político do PCB e paralelamente buscava aportes metodológicos que tornassem viável sua pesquisa antropológica.

Foi durante o período de residência na cidade baiana de Juazeiro (de 1942 a 1950) que Moura iniciou a pesquisa sobre a cultura negra e a “situação racial” na região do vale do rio

³Sebastião da Rocha Pita publicou em 1730 a *História da América Portuguesa* que em suas diversas reedições, foi uma das principais fontes utilizadas pelos estudiosos do quilombo de Palmares. O historiador português Oliveira Martins publicou *O Brasil e as colônias portuguesas*, em 1880, entre outras obras, e tornou-se igualmente referência na historiografia brasileira.

São Francisco, cujos resultados seriam publicados somente em 1959, no artigo *Notas sobre o negro no sertão* (MOURA, 1959 b). Interessava-o conhecer a região onde residia e para enfrentar o desafio de uma pesquisa de campo, consciente de sua formação específica insuficiente, passou a peregrinar entre intelectuais acadêmicos com os quais estabeleceu intercâmbio epistolar no sentido de obter indicações de leituras, textos publicados e orientações informais sobre os rumos que devia seguir na coleta e interpretação de dados. O referencial macro já estava então delineado pelo materialismo histórico e pelos conceitos de modo de produção e luta de classes.

De início, tomou a iniciativa de estabelecer contato com Arthur Ramos em 1945, quando se movia entre os meandros da Antropologia cultural e procurava superar deficiências de sua formação diante da tarefa que se propunha realizar. Desde a publicação de pesquisas sobre *O Negro Brasileiro* Ramos tornara-se a grande referência da antropologia sobre o tema e a ele recorreu Moura para obter orientação segura, além de acesso a obras específicas da área. A correspondência trocada entre ambos revela a intensidade do empenho de Moura em realizar estudos conforme os cânones acadêmicos da época validavam.

São apenas três as cartas constituintes desse conjunto documental, até o momento localizado no Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Em 11 de novembro de 1945 o jovem de Juazeiro tomou coragem para iniciar o diálogo com o consagrado mestre para pedir-lhe “conselhos a respeito de problemas antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil, que o meu senso de responsabilidade humana pede solução”. Era uma justificativa sem dúvida de cunho humanitário baseada no reconhecimento da situação da população negra após a Abolição, mas também trouxe ao interlocutor distante e desconhecido um jorro autobiográfico breve e inesperado que deixa ao leitor da carta a suposição, posteriormente confirmada, de sua condição de filho de pai negro e mãe de origem europeia:

“(…) desde menino fui despertado por um forte e quase instintivo desejo de conhecer e estudar os problemas sociológicos do Brasil. Daí até o meu interesse pelo negro e pelas condições de contato culturais e pelas consequências das misturas étnicas, foi um passo” (MOURA, 1945).

E mais não disse a respeito, passando a relatar o resultado de sua observação empírica estreante, porém longe de desinformada, sobre a cultura da região que habitava. O que se segue

é um diálogo intermediado pelas obras de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, pois os temas abordados referem-se a elas e claramente visavam apresentar credenciais ao destinatário reconhecido desde já como mestre, pois na condição de discípulo o jovem Moura colocou-se nessa correspondência.

O tema de abertura da primeira carta é o das esculturas em forma de carrancas colocadas na proa das embarcações que então navegavam pelo rio São Francisco. O assunto ocupara Ramos e merecera uma pequena referência no relato de uma viagem à região, no percurso iniciado na cidade de Juazeiro em 24 de outubro de 1929, subindo o rio a bordo da gaiola *Saldanha Marinho*. A descrição da paisagem de caatingas, de vazantes e da população local sem dúvida calou fundo em Moura, que além da leitura da descrição antropológica contava com a experiência de viver essa realidade. No percurso descrito, o viajante avistou barcaças carregadas de rapadura, movidas a remo, que considerou embarcação “típica”: “um barco tosco, com dois toldos de palha de buriti; na proa, em forma de emblema a figura da cabeça de um animal, Sobrevivência totêmica? Antiga tradição romana ou assíria? Quem o sabe?” (RAMOS, 1942, p.277).

Essa breve referência de Ramos ao tema em sua obra foi tomada por Moura como gancho para iniciar uma discussão sobre a questão do totemismo na cultura de origem africana. Seu entusiasmo ao ver sua região referida pelo antropólogo é notável, tanto mais que Nina Rodrigues também se ocupara do tema das famosas carrancas e levantara a hipótese de se tratar de sobrevivência totêmica de origem controversa. Inquietava o morador de Juazeiro a possibilidade de compreendê-la enquanto manifestação indecisa entre a origem africana e a indígena e assim contribuir para o resgate de tais sobrevivências transformadas pela aculturação.

Esse foi um dos pontos do diálogo triangular mantido por meio da carta, pode-se dizer uma âncora do discurso de Moura, que encontraria eco na resposta de Ramos. E nesse diapasão ele prosseguiu em sua carta-relatório contando suas impressões sobre os “vestígios culturais” dos bantos nas congadas, nas macumbas e nos candomblés, nas festas, tendo sempre como fio condutor a hipótese da “influência da cultura negra na região do São Francisco”, negligenciada pelos pesquisadores que centravam o foco das análises na presença do negro na orla litorânea, onde a economia voltada para a grande produção açucareira requisitara sua presença. Certamente adotou uma linha impressionista, única possível a ele na época, para descrever as

manifestações culturais que teve oportunidade de observar *in loco* e sobre elas arriscou tímidas tentativas de interpretação. Transpôs ousadamente os limites geográficos que constituíam sua principal referência para dialogar com Ramos sobre outra manifestação religiosa de origem africana, a Língua de Fogo, descoberta na região paulista de Piracicaba.

Naturalmente desviou-se da interpretação determinista que marcou de modo indelével a obra de Nina Rodrigues, com cautela não abordada na carta ora em análise e se ateu ao problema social do negro no Brasil. Guardou, porém para uso posterior o conceito de “colonização negra” do país, que Nina utilizara em *Os africanos no Brasil* e desdobrava-se em considerar os africanos para cá trazidos como “colonos” (NINA RODRIGUES, 1932, p. 145). Esta pequena digressão no presente artigo justifica-se pela complexidade do contato multifacetado de Moura com os autores aqui abordados e que o levaria à adoção de um referencial eclético de origem diversificada em obras posteriores.

Para finalizar a análise desta carta, a primeira da sua jornada juvenil de complementação de estudos, registre-se que sua intenção parece ter sido demonstrar ao interlocutor uma bagagem cultural que lhe permitia esperar tratamento sério e científico, não apenas em obras, mas também em fornecimento de endereços de possíveis correspondentes como estratégia de superação do autodidatismo, “com objetivismo e honestidade”. Prova de seu empenho forneceu ao interlocutor com o pequeno recorte de jornal sobre o candomblé em Juazeiro, anexado à carta.

A resposta de Ramos veio meses depois, datada de 15 de março do ano seguinte, da cidade do Rio de Janeiro. Nela comentou ter passado pelo vale do São Francisco na condição de médico legista e concordou com a importância atribuída pelo jovem à população negra na região, pois ali realizara um “*survey*”. Sua viagem pela região em 1929 de fato iniciara-se em Juazeiro, e lhe permitira observar costumes e manifestações culturais dos habitantes das localidades que visitou. Referendou assim as intenções de Moura de realizar a pesquisa na área de Antropologia cultural e enviou-lhe material bibliográfico de apoio. Além disso, estimulou o jovem a persistir nos estudos nessa direção afirmando que “é possível, é quase certo, que a influência negra aí tenha sido maior do que se pensa, podendo mesmo ter sobrevivido em certos costumes”. E afinal sobre o tema das carrancas, sugeriu-lhe pesquisa “cuidadosa” na região, “nos seus momentos de lazer” (RAMOS, 1946).

A última carta desse diálogo foi enviada por Moura ao mestre logo depois, datada de 15 de abril de 1946, onde se percebe a consolidação do seu interesse pelos estudos de aculturação sempre na perspectiva de comprovar a importância do negro no povoamento da região do vale do São Francisco, mediante o resgate de sobrevivências culturais resultantes do contato com o branco, em grande parte influenciada pelos estudos que Edison Carneiro vinha desenvolvendo na cidade de Salvador. O assunto lhe parecia “quase virgem” e com muita possibilidade de sucesso na coleta de material empírico. A partir daí a correspondência se interrompeu, provavelmente em decorrência das mudanças ocorridas na vida de Arthur Ramos, que além de ministrar cursos em diversas instituições de ensino superior, no Brasil, foi chamado a ser em 1949 o primeiro diretor do Departamento de Ciências Sociais da UNESCO, onde teve atuação destacada até seu falecimento repentino nesse mesmo ano (BIBLIOTECA NACIONAL, 2004). Foi nesse ambiente intelectual baiano dominado pela antropologia cultural e pela busca de uma chave interpretativa da História baseada no materialismo que em 1946, Moura elaborou suas notas preliminares de estudo sobre “*O Negro contra o Branco*” e “*O Negro na sociedade brasileira*”, onde abordou o choque cultural, sobretudo no terreno da religião, sem descurar daquele que acabaria por se tornar o tema predominante de sua obra, as formas de resistência do negro escravizado. Em seu estudo inaugural do tema, *O negro contra o branco (contribuição para o estudo do choque entre as duas culturas)* como o próprio título sugere, a pauta da análise foi construída a partir do conflito, analisado nas diferenças culturais presentes nas revoltas como aquelas dos maleses no século XIX. Embora admitisse sua motivação religiosa, problematizou e abriu espaço para a luta de classes explicitamente como chave interpretativa paralela ao enfatizar a dicotomia senhor versus escravo que estaria acima do fator religioso na determinação dos movimentos. Chegou mesmo a ver no quilombo de Palmares uma república “em moldes nitidamente socialistas”, embora igualmente, tal como Ramos, não tivesse realizado estudos específicos inéditos sobre o tema, a partir de fontes da época, ou seja, o século XVII. Reconheceu nesse texto filiação explícita ao mestre, ao tratar da “vida cooperativa “do negro em associações de diversa natureza e finalidade, abordagem que se manteria e refinaria em obras posteriores”. E principalmente recusou a abordagem da “inferioridade intelectual constitucional nem psíquica de nenhuma das raças consideradas como afirmam certos doutrinadores cheios de Gobineau e de arianismo suspeito” (MOURA, 1946).

Em 1948, mais familiarizado com o tema, organizou um plano de pesquisa onde mesclou os fatores culturais, principalmente o religioso, ao de classe, do oprimido contra o opressor, definindo nessas revoltas os “choques de cor e de classe”, que se tornaria o tema principal de sua obra.

O interesse pelo tema do negro também está bastante presente na correspondência trocada entre Clóvis Moura e seus amigos Darwin Brandão e Expedito de Almeida Nascimento entre 1948-49, quando Moura já tomara contato com esse campo de estudos que o guiou às pesquisas sobre o sertão do São Francisco. As *Notas sobre a aculturação negra no Brasil*⁴ constituem o embrião daquele que se tornaria seu grande projeto de pesquisa. O texto com rasuras e emendas parece conter a primeira sistematização de suas ideias em direção a um projeto mais alentado e resultariam no artigo *Notas sobre o Negro no Sertão*, publicado na *Revista Brasiliense*, em 1959, portanto uma década depois do início desses estudos e no mesmo ano em que *Rebeliões da Senzala* fora publicado. Desses estudos também derivou o texto sobre os malês em *A Grande insurreição dos Escravos baianos*, publicado na mesma revista.

Nessa época, o cerne do híbrido projeto moureano consistia no estudo do “processo de aculturação no Brasil” ocorrido no contexto da “aparição do capitalismo”, quando as culturas negras trazidas pelos escravos entraram em contato com as culturas “aborígene” e lusa em uma sociedade organizada pelo latifúndio e pelo trabalho escravo, e com a fusão desses elementos estabeleceu-se “todo um sistema econômico e social” de colonização, cujo centro dinâmico foi o nordeste com a produção açucareira. O patriarcalismo estruturou a organização dessa sociedade caracterizada pelo escravismo.

Ao assinalar a diversidade das culturas africanas trazidas pelos escravizados ao Brasil, admitiu diferentes graus de desenvolvimento entre elas, das mais “elevadas”, como a dos camitas até as mais “atrasadas”, como a dos hotentotes. A questão da diversidade cultural, correspondente à diversidade regional de origem dos africanos deslocados para o Brasil é referida também num lampejo aos estudos de Sílvio Romero, João Ribeiro, Nina Rodrigues e Gilberto Freyre⁵. Mas por se tratar de um projeto ainda muito embrionário não se encontra nele

⁴ Todos os textos mencionados como embrionários, inclusive os estudos preliminares, são originais datilografados e manuscritos, cx 23, pasta 1, CEDEM/UNESP.

⁵ Além dos mencionados estudos de Nina Rodrigues, vale salientar as diversas obras de Sílvio Romero e *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1933).

discussão teórica ou historiográfica, apenas o alinhamento das referências e a estruturação dos tópicos como se pode verificar a seguir.

Em busca de informações mais detalhadas sobre a diversidade cultural, Moura se propunha a estudar os viajantes que estiveram no Brasil no período colonial. Entre eles, o conhecido Martius e Schlichtorst, alemão que veio para o Brasil como mercenário no exército de D. Pedro I, e se encantou com as vestimentas dos escravos. Igualmente seduzido por suas descrições, Moura retomou esse elemento cultural para tentar alguma identificação dos bantos e sudaneses a partir das roupas brancas, dos turbantes, dos panos da costa e a partir desses autores chegou ao esboço dos grupos regionais de negros que para cá vieram. Embora faltem duas páginas do documento, sobra a informação de que Moura reconheceu também a importância da “interculturalização tribal” ocorrida entre eles. Tema que posteriormente abandonaria.

O esquema analítico proposto no projeto se divide em três eixos: características da aculturação no Brasil; condições dessa aculturação e problemas gerais de aculturação. Não há porém uma definição do conceito de aculturação, simplesmente é apresentada como religiosa, folclórica e dos costumes. No entanto, subentendido o conceito, já esboça a abordagem dos diferentes “graus de aculturação”, sem deixar de lado o marxismo e a indefinida “questão colonial”, referidos a Caio Prado Júnior e sua *História Econômica do Brasil*, publicada em 1945. Os castigos de escravos aparecem timidamente e só mais tarde iriam ocupar lugar destacado em sua obra. Por ora, ocupava-se principalmente da diversidade cultural e das possibilidades de aculturação do negro no Brasil a ser trabalhada nos itens abaixo:

Culturas africanas: As culturas negras no novo mundo; Introdução à Antropologia brasileira; O negro no Brasil: problemas de aculturação; O folclore negro no Brasil.

Aculturação religiosa: Os africanos no Brasil; O folclore negro no Brasil; O negro brasileiro; as culturas negras no Novo Mundo; Os africanos e seus costumes no Brasil; O negro na Bahia; Negros bantos.

Aculturação folclórica: Os Africanos no Brasil; Através dos folclores; Mitos africanos no Brasil; O negro brasileiro; A influência africana no português do Brasil; O negro e o garimpo em Minas Gerais; O folclore cristão no Brasil.

Aculturação costumes: O negro no Brasil; Os africanos no Brasil; Casa grande & Senzala; A aculturação negra no Brasil (MOURA, 1946).

As duas últimas páginas do documento trazem importante sequência denominada “Um método de pesquisa no estudo dos cultos afro-brasileiros” que contém um roteiro de observação onde a direção geral é bastante influenciada pela linha interpretativa dos candomblés na Bahia.

Essa vertente ocupava lugar destacado nas pesquisas antropológicas e vinha sendo abordada também por Edison Carneiro, que parece ter sido sua grande referência no assunto:

- 1.o - Localização do Culto: (Há algum significado mágico na localização do mesmo?).
- 2.o - Instrumentos: Ferramentas - objetos de adorno do candomblé - bebidas (presença ou ausência delas) - comidas (idem) - Instrumentos de música
- 3.o - Culto: Danças - Ritual - Sacerdotes (só há homens ou há sacerdotisas?) - Cânticos - Registrá-los - Ídolos (descrevê-los, se houver) Suas funções- Se possível fotografá-los - Dias da semana consagrados aos deuses - Correspondentes católicos - Procurar ouvir lendas.
- 4.o - Ritual: Tomam parte no rito todos os presentes? Só os iniciados? Há ritos de iniciação? Descrevê-los.
- 5.o Curandeirismo: Sagrado e profano- Objetos usados para - Influência sincrética da religião: espiritismo, catolicismo, protestantismo, etc.
- 6.o - Época em que funciona o culto: Há dias especificados? Quais são? (MOURA, 1946).

No final do projeto, o esquema de uma síntese foi apresentado por Moura com o título *Aculturação Negra no Brasil (subsídio para o seu estudo)*, no qual o tema é dividido em quatro capítulos: *O problema geral do negro no Brasil; Tribos negras importadas; Culturas negras e O fenômeno da aculturação no negro do Brasil. Graus e aspectos Religioso, Linguístico e Folclórico.*

O artigo publicado na *Revista Brasiliense* com o título de *Nota sobre o negro no sertão* seria republicado com acréscimos na segunda edição de *Rebeliões da Senzala* lançada em 1972 (MOURA, 1972, p. 215-226). Nele percebe-se o esforço em coletar dados que permitissem a comprovação da hipótese da presença física e da influência cultural do negro no sertão de áreas do Leste, Norte e Nordeste do Brasil, contrariando a tese geralmente aceita na época de que tal presença teria acontecido apenas na franja litorânea onde foi implantada a atividade agrícola em larga escala. O folclore e outras manifestações da cultura material, além da inegável presença das comunidades remanescentes de quilombos foram invocados por Moura para comprovar sua hipótese. Além de coletar informações pessoalmente contou com a colaboração do amigo Expedito de Almeida Nascimento com quem conviveu em Juazeiro. A base bibliográfica do ensaio remonta a Capistrano de Abreu e se mescla com muita ênfase ao estudo das revoltas dos escravizados.

Entre os autores referenciados no projeto, o mais próximo de Moura em termos de sociabilidades intelectuais era Edison Carneiro, entre outras razões porque no primeiro número do *Caderno da Bahia*, importante revista editada em Salvador, Darwin Brandão havia publicado

um artigo em que colocou em relevo a obra do antropólogo e seus estudos sobre o candomblé na Bahia. O artigo nada mais era do que uma apresentação do autor e a delimitação de um terreno ou campo intelectual que se manteria dali em diante presente na revista. No artigo *Edison Carneiro e os estudos afro-brasileiros* Darwin inaugurou a inclusão do tema dos estudos afro-brasileiros no periódico, apoiado também pelos estudos sobre cultura popular e negra em manifestações de festas, cultos religiosos e vida cotidiana do povo baiano que sinalizavam a intenção de superar o forte preconceito enraizado em Salvador àquela época (SANTANA, 2003, p. 78 e 82). O artigo abordou o livro de Edison Carneiro *Candomblés da Bahia* (1948) recém-publicado, e realçou sua importância para o estudo do homem e da cultura negra no Brasil. O ambiente era propício a esse debate, muito diferente daquele de 1937, quando por força do Estado Novo foram queimados os exemplares da primeira edição de *Jubiabá* de Jorge Amado, e fechada a União de Seitas Afro-Brasileiras que Carneiro havia fundado. Mas a produção de Carneiro ia além: seu livro mais difundido, *O Quilombo de Palmares*, havia sido publicado em primeira edição no México em 1946 e em primeira edição em português no ano seguinte. Nele abordou significados da história e da cultura africana no Brasil, com grande repercussão (SANTANA, 2003, p. 83). Nesses estudos definiu-se sua abordagem da evolução paralela e desigual das raças no tempo com ênfase na “opressão de classe sofrida pelos negros na sociedade burguesa e capitalista”, expressa na “violência social e policial contra os candomblés” (Rossi, 2011, p. 174).

É importante destacar, aqui concordando com Gustavo Rossi, o significado político dessa nova vertente híbrida que surgia entre os estudiosos do negro vinculados ou orbitando em torno do PCB. Este autor alerta para o tipo de análise que tem sido mais difundida e que incide sobre seus aspectos considerados “científicos” em termos de rupturas de paradigmas racistas e organicistas. No seu entender, desenvolvem-se discussões sob tal prisma,

(...) enquanto se minimiza o modo como esse elemento recém-valorizado na formação da nação, o “negro”, se convertia num móvel de disputa entre distintos modelos de intervenção: não apenas aqueles modelos formalizados por intelectuais, cujos trabalhos traziam a chancela do Estado e de suas instituições médicas, educacionais, correccionais e policiais, mas também modelos que passavam a reivindicar os segmentos afro-brasileiros, ainda que no plano simbólico, como objetos de interesse doutrinário e ideológico por parte dos grupos da cena política da época, a exemplo dos comunistas, dos integralistas e do próprio movimento negro nascente” (ROSSI, 2011, p. 177).

Não é, pois descabido, em vista do exposto, e à guisa de conclusão, levar em conta o engajamento comunista de Moura nessa busca de um caminho para a análise que pretendia realizar, e realizou apesar da insuficiente bibliografia disponível e da dificuldade de acesso - ou ao menos de leitura - de fontes manuscritas conservadas no Arquivo Público do Estado da Bahia, de onde estava relativamente próximo. Esse fator provavelmente direcionou sua pesquisa antropológica para a coleta de material junto à população da região do São Francisco, mediante questionários. Essa trajetória pouco conhecida do autor foi obscurecida pela Historiografia específica que privilegiou sua contribuição a partir da obra *Rebeliões da Senzala* e a ela se sobrepôs. Ao lado do direcionamento teórico-metodológico diretamente vinculado à obra de Ramos, sem dúvida havia a aproximação do materialismo histórico, que Moura procurava conciliar em suas análises iniciais. Posteriormente o vínculo com a Antropologia cultural foi minimizado e desde a finalização da obra *Rebeliões da Senzala* predominou a chave de leitura referida ao marxismo e à luta de classes na análise da escravidão no Brasil e seus diversos aspectos, sobretudo de resistência ao sistema escravista. Não obstante, a referência a Ramos persistiu em sua obra ao longo de décadas no que se refere à cultura do negro no Brasil.

Referências bibliográficas

BIBLIOTECA NACIONAL (BRASIL). *Arquivo Arthur Ramos*. Inventário analítico. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004.

Carta de Clóvis Moura a Arthur Ramos, Juazeiro, 11/11/1945.

MOURA, Clóvis. *O negro contra o branco (contribuição para o estudo do choque entre as duas culturas)*, 1946 (original datilografado).

_____. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. São Paulo: Zumbi, 1959.

_____. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, Insurreições, Guerrilhas*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

_____. Notas sobre o negro no sertão. *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 24, 1959a, p.167-179.

NINA RODRIGUES, Raimundo. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

PRADO Júnior, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1945.

RAMOS, Arthur. *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942.

_____. Carta a Clóvis Moura, Rio de Janeiro, 15 março 1946.

_____. O folclore do São Francisco. In: *A aculturação negra no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1942.

REIS, João José. Um balanço dos estudos sobre as revoltas escravas na Bahia. In: REIS, J.J. (org.), *Escravidão & invenção da liberdade*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 87-140.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *O intelectual “feiticeiro”: Edison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil*. Tese de Doutorado, Campinas: IFCH, 2011.

SANTANA, Carla Patrícia Bispo de. *Caleidoscópio: percurso intelectual e a estreia de Heron de Alencar como crítico literário no jornal A Tarde (1947-1952)*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Letras da UFBA, Salvador, 2003.